

A Manobra Fatal

Vincent Cheung

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto / felipe@monergismo.com

Há uma manobra fatal no debate onde se você puder mostrar que a posição do seu oponente contradiz a si mesma ou torna a si mesma impossível, então você destruiu eficazmente a posição dele e tudo o que se segue dela. Ela é um movimento poderoso. Coloca o seu oponente em xeque-mate. Contudo, se ilegitimamente usada, ela pode sair pela culatra e infligir um golpe fatal contra a posição daquele que a usa.

Meu sistema de filosofia e método de apologética é corretamente chamado “bíblico” ou “pressuposicional”. Eu começo com a revelação e deduzo o restante do sistema a partir dela. A partir desse princípio básico, o sistema pode ser adaptado para responder a qualquer objeção bem como para destruir qualquer sistema oposto. O sistema é construído sobre a revelação e então usa a dedução para derivar a informação inerente na revelação. Desde o começo, ela exclui as epistemologias irracionais e impossíveis, tais como aquelas que colocam qualquer confiança na intuição e sensação.

Uma escola proeminente de apologética “pressuposicional” protesta que isso certamente vai longe demais. Ela admite que a indução é falaciosa, pelo menos sobre si mesma, mas então ela é de alguma forma redimida quando operamos sob pressuposições bíblicas. Ela admite que a sensação não pode fornecer conhecimento, pelo menos sozinha, mas então ela pode funcionar como uma forma confiável de adquirir conhecimento uma vez que os princípios bíblicos são assumidos. Ou, ela diz que o incrédulo pode usar a indução e a sensação com bom efeito, mas só não pode “contar” com ela. Eu já critiquei essa escola de apologética incoerente e anti-bíblica em vários lugares, e não é o meu propósito principal aqui fazê-lo novamente. Mas no restante dessa discussão, precisamos guardar em mente que seus aderentes nunca mostraram *o que* ou *como* as pressuposições bíblicas podem fazer com que o é inerentemente irracional e ilógico se torne racional e lógico. Isso é simplesmente uma afirmação não justificada da parte deles.

Todavia, meu ponto diz respeito a outra coisa, e esse é como essa escola de apologética tenta refutar a minha, e como o tiro sai pela culatra contra eles. Uma objeção freqüente é que se devemos começar com a Bíblia, então certamente devemos usar nossos sentidos até mesmo para ler a Bíblia. Eu já respondi isso várias vezes em diversos lugares, e ainda não houve nenhuma tentativa bem sucedida como refutação. Entre outras coisas, essa objeção comete uma falácia lógica, e, antes de tudo, realmente ignora minha posição. Isso é porque se eu estou correto, então realmente *não* precisamos usar nossos sentidos (no sentido pretendido pelos meus oponentes) para ler a Bíblia. Eu poderia responder à objeção da mesma forma como responderia a qualquer ateu empírico – eu poderia levar o debate para um mundo puramente mental (como num sonho) apenas sugerindo isso. A partir dali, eu poderia restabelecer

o mundo físico pelo meu primeiro princípio, mas o que aconteceria ao empirista, quer cristão ou não?

Porque eu tenho respondido a objeção, ela fracassa em me prejudicar. Contudo, agora que meus oponentes lançaram a objeção, e declararam a mesma como algo que é consistente com a posição *deles*, então *eles* devem respondê-la para si mesmos. Porque eles declararam que uma pessoa deve usar os seus sentidos para saber o que a Bíblia diz, agora eles *devem* mostrar que nossos sentidos são infalíveis, ou se nossos sentidos são falíveis, que há uma forma infalível de dizer em quais casos eles são corretos e em quais são incorretos. Se eles não podem fazer isso, então *eles* não podem ler a Bíblia, de forma que o sistema inteiro deles – a *fé cristã* deles como um todo – colapsa, e isso acontece tão facilmente com um ateu empirista, como com qualquer religião ou filosofia não-cristã.

Alguns deles tentam justificar a sensação como uma forma confiável de obter conhecimento. Argumentar a favor do empirismo sem considerar a Escritura é impossível, e eles reconhecem isso. E assim, aparentemente consistente com a posição deles, eles argumentam a favor da confiabilidade básica da sensação a partir da Escritura. Mas o que seria tomado para estabelecer a posição deles a partir da Escritura? Eles reconhecem que nossos sentidos são falíveis, e assim eles não estão interessados em apoiar o empirismo argumentando que os sentidos são infalíveis. Contudo, se os sentidos são falíveis, então eles devem estabelecer um método *infalível* pelo qual possam distinguir os casos nos quais os sentidos são corretos e os casos nos quais eles são errados. Mas se eles têm um método, e se o método deles é falível, então ainda precisamos saber infalivelmente *quão* falível ele é e *quando* ele é falível; de outra forma, a coisa toda colapsa em ceticismo novamente. Eles nem mesmo chegaram perto de estabelecer algo disso. Na melhor das hipóteses, eles têm apenas mostrado que a sensação de um determinado personagem bíblico estava correta num caso particular, pois a Bíblia revela que ela estava correta naquele caso particular. Se formos considerar o que sabemos, aquela pessoa nunca teve outra sensação correta novamente. Assim, eles precisam muito mais do que isso. O que eles precisam (mas falham em fornecer) é uma teoria de epistemologia com respeito às sensações que se aplique às pessoas e experiências que não estão descritas na Bíblia.

Porque eles insistem no empirismo, mas falham em justificá-lo, então, ao aplicar a objeção contra mim, eles têm afastado *a si mesmos* completamente da Bíblia. Ao tentar realizar uma manobra fatal contra minha posição, eles têm aniquilado a deles. De fato, a menos que eles possam responder a própria objeção deles, eles não podem nem mesmo ter uma objeção contra mim, visto que de acordo com eles, eles precisam da confiabilidade dos sentidos para até mesmo ler ou ouvir sobre minha posição em primeiro lugar. Portanto, se hei de tomar a posição deles seriamente, terei que dizer que o sistema *inteiro* deles se desintegra, que não há forma deles poderem conhecer *algo* que está na Bíblia, que eles nunca ouvem o evangelho, e assim eles não podem nem mesmo ser cristãos. Mas visto que não eu não os considero seriamente, e visto que posso explicar as vidas deles com minha posição, posso ser mais caridoso para com eles do que a própria posição deles o permite.

Dessa forma, qualquer não-cristão pode confrontar os aderentes dessa escola de apologética e aparentemente demolir todo o sistema cristão usando somente esse ponto. É verdade que a maioria dos não-cristãos não fará isso, pois a maioria dos não-cristãos tem o empirismo como uma parte integral do sistema de crença deles, de forma que eles usualmente não atacarão o que eles mesmos crêem. Contudo, se um não-cristão se achar encurralado num canto, ele sempre pode trazer isso à tona para assegurar a destruição mútua. Assim, eu declaro que essa outra escola de apologética pressuposicional é um fracasso completo. Até onde ela adere a Escritura em suas várias partes, certamente ela é superior aos sistemas não-cristãos, mas isso é irrelevante na construção de uma filosofia, visto que ela fracassa desde o próprio início, de forma que não pode nem mesmo alcançar aquelas partes escriturísticas, e se os não-cristãos alguma vez se despertarem para isso, o debate e o evangelismo será um desastre total para esses crentes.

Se alguém discorda com o exposto acima, que ele prove – não apenas afirme – como ele, pela sensação, consegue ler sequer uma palavra na Bíblia. Que ele demonstre como isso acontece logicamente – estabeleça cada premissa e mostre que cada passo procede por inferência necessária – e eu abrirei mão de todo debate sobre esse assunto. Tudo o mais que você diga é irrelevante – você tem afirmado necessidade da sensação, como algo que você precisa até mesmo antes de ler a Bíblia, de forma que agora você deve estabelecer isso.

Se você é incapaz de fazer isso, mas insiste em manter sua posição, então me deixe te oferecer um pequeno conselho. Você pode nunca encontrar um não-cristão que desafie a confiabilidade da sensação, mas se você alguma vez se deparar com alguém que o faça, saiba que a resposta é rejeitar a sensação e permanecer com a revelação somente. Muitas pessoas estão interessadas em defender um teólogo ídolo, mas eu estou interessado na causa de Cristo. Eu não posso te deter se você deve permanecer em sua falsa e desonesta posição por causa da sua lealdade a uma personalidade particular ou escola de pensamento. Mas lembre-se do que estou lhe dizendo. Um dia você pode precisar disso. Nem todo não-cristão com quem você debaterá lhe dará a mesma permissão sobre esse assunto que você dá a si mesmo.

Então, há outra objeção que tem a ver com minha visão sobre a soberania divina, e como ela se relaciona com a metafísica e epistemologia. Eu afirmo que Deus deve ser ativo em facilitar e controlar todos os pensamentos humanos, quer verdadeiros ou falsos, bíblicos ou heréticos. Os aderentes dessa escola de apologética pressuposicional uma vez mais tentam realizar uma manobra fatal contra mim. Eles sugerem que de acordo com minha visão, eu poderia estar enganado ao afirmar minha visão. Primeiro, isso é simplesmente totalmente absurdo, visto que a Bíblia diz que Deus pode enviar espíritos maus para convencer as pessoas a crerem num erro. Assim, não importa *como* isso aconteça, Deus é aquele que decreta que alguém será enganado. Segundo, eles demonstram que eles realmente não têm idéia de como realizar essa manobra fatal, visto que novamente o tiro sai pela culatra deles. Se eu estou enganado *da forma* que a objeção sugere (isto é, por minha própria explicação de como alguém chega a crer numa falsidade), então isso realmente prova minha posição. Se eu estou enganado *da forma* que eu digo que alguém é enganado, então de fato eu não estou enganado. Para ilustrar: se Deus envia um demônio para “enganar” alguém a pensar que Deus não envia demônios para enganar, então Deus *de fato* envia demônios para enganar. Da mesma forma, se Deus faz

com que eu creia na “falsidade” de que é Deus quem faz alguém crer na falsidade, então Deus *de fato* faz com que alguém creia na falsidade, e eu de fato não estou enganado. Em outras palavras, minha posição não pode ser demonstrada como auto-refutadora da maneira tentada pela objeção.

A manobra fatal de mostrar a auto-contradição na posição do seu oponente pode ser um movimento poderoso e eficaz no debate. Apenas se assegure que a posição do oponente é *de fato* auto-refutadora e que sua objeção não dá um tiro pela culatra contra você. Cuide para que essa manobra fatal não seja fatal justamente para você. Certamente, se o tiro pode sair pela culatra e mostrar a incoerência em sua posição, então sua posição está errada e não é digna de se defender, como o exposto acima tem mostrado.

E se você ainda discorda, aqui está outro exercício. Mostre esse artigo a qualquer não-cristão com educação acima da sexta-série e peça-lhes para aplicar o que ele lê. Agora veja se você ainda pode defender sua fé contra ele usando seu ramo de apologética “pressuposicional”.

Leitura recomendada:

Ocasionalismo e Empirismo (*leia no Monergismo.com*)

[Short Answers to Several Criticisms](#)

[The Transcendental Argument for Materialism](#)

Empirismo “Bíblico” Incoerente (*leia no Monergismo.com*)

Mas o que é Conhecimento? (*leia no Monergismo.com*)

[Biblical Rationalism vs. Psycho Assertionism](#)

Vincent Cheung, *Questões Últimas* (*leia no Monergismo.com*)

Vincent Cheung, [Presuppositional Confrontations](#)

Vincent Cheung, [Apologetics in Conversation](#)